

Introdução

Preparando o cenário: dos obstáculos aos riscos e resiliência no jornalismo latino-americano

Sallie Hughes¹ Sonia Virgínia Moreira²

Há quase 15 anos, no período em que as rupturas da democracia neoliberal ainda não haviam fragmentado a região em um mosaico de sistemas midiáticos separados pela polarização política, Hughes e Lawson (2005) resumiram o que consideravam como obstáculos para o fortalecimento e a sustentabilidade da produção profissional de um jornalismo investigativo, independente e focado no cidadão dos países da América Latina. Segundo os autores, essas barreiras incluíam: a) fragilidade generalizada do Estado de direito, b) legislação autoritária remanescente, c) propriedade oligárquica de meios de comunicação, d) padrões jornalísticos desiguais, e) acesso limitado da audiência a fontes distintas de informação.

Neste ensaio introdutório desta edição especial sobre o jornalismo latino-americano contemporâneo, atualizamos esse quadro regional de modo a redesenhar o cenário com foco nos artigos que fazem parte deste volume. Mais do que obstáculos à transição para uma meta idealista, identificamos fontes de risco para jornalistas enquanto seres humanos com direitos fundamentais e atores institucionais com relativa autonomia profissional, assim como os riscos para o jornalismo como instituição relevante que influencia a política e a sociedade. Usamos o risco como conceito estruturante, porque a abordagem dos obstáculos tinha como significado avaliar a possibilidade de um momentum, de um tipo ideal de sistema democrático de mídia, que provavelmente nunca existiu em qualquer lugar, quando as intenções e os desejos dos jornalistas tendiam mais a defender o status quo ou a renovar e reabilitar o jornalismo de acordo com as condições contemporâneas de sensibilidades políticas, sociais e econômicas em um país. O uso dos obstáculos também indicou que a configuração do jornalismo em um dado país não seria transformada de forma

¹ Professora Associada, Diretora da Faculdade de Comunicação e pesquisadora sênior em estudos latino-americanos na Universidade de Miami. Coordenadora regional para América Latina do projeto Worlds of Journalism Study. E-mail: shughes@miami.edu ORCID <https://orcid.org/0000-0002-3237-5865>

² Professora visitante no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora; professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordenadora no Brasil do projeto Worlds of Journalism Study. E-mail: soniavm@gmail.com ORCID <http://orcid.org/0000-0001-9583-4400>

a aumentar a instrumentalização do produto do trabalho dos jornalistas para fins políticos ou econômicos privados. A autonomia e a assertividade do trabalho jornalístico sempre estiveram dependentes do contexto social e organizacional, bem como das teorias ou filosofias dominantes do papel do jornalismo na sociedade (SJOVAAG, 2016; HUGHES *et al.*, 2017b). O conceito de obstáculo, embora compreensível considerando as transformações da mídia na época (SEGURA & WAISBORD, 2016), sugeria que uma maior ingerência nas atividades ocupacionais estava fora de cogitação. Isso obviamente não era verdade e hoje parece ainda menos provável. O jornalismo e os jornalistas em alguns países da região enfrentam grandes desafios, desde a censura aberta e a repressão liderada pelo Estado nos dias sombrios de autoritarismo militar na região.

Por outro lado, o conceito de risco utilizado aqui se refere a uma série de ameaças que interferem na viabilidade e na sustentabilidade do jornalismo como uma instituição semiautônoma com contribuições significativas e vitais para a governança democrática e a vida social (WJS, 2019). Em resposta ao risco, jornalismo e jornalistas como atores institucionais podem, por um lado, se afastar das normas e práticas independentes, assertivas e pró-públicas devido à incerteza, ao medo ou à perda real do controle sobre a produção de notícias e decisões de publicação. Além disso, o jornalismo e os jornalistas podem se adaptar a novas pressões em relação à autonomia profissional, de modo a preservar ou até expandir a sua relativa autonomia em relação a fontes de notícias, proprietários de mídia, anunciantes, reguladores, criminosos, políticos, partidos ou forças de segurança. O processo de se adaptar bem em ambientes de incerteza, ameaça ou adversidade é tratado na psicologia como resiliência (Associação Americana de Psicologia) e pode ser aplicado aos jornalistas e ao jornalismo.

No restante deste ensaio avaliamos resumidamente o que aconteceu com os “obstáculos à abertura da mídia” identificados há 15 anos, quando os sistemas políticos em toda a região passaram a refletir a polarização econômica que definiu o continente por séculos, e que parecia mais inaceitável devido às promessas e ao desempenho desigual da democracia e da reestruturação econômica neoliberal. Descrevemos as fontes político-econômicas, criminais e culturais de risco para o jornalismo hoje e analisamos alguns sinais de que o jornalismo e os jornalistas se adaptarão e se tornarão resilientes, protegendo a autonomia e as normas democráticas diante das formas multifacetadas de risco.

Obstáculos revisitados

Uma década e meia depois, dentre os cinco obstáculos identificados em 2005, a fragilidade do Estado de direito é claramente o que mais coloca o jornalismo e os jornalistas em perigo em muitos países latino-americanos. O assassinato de jornalistas na América Latina aumentou 68% uma década depois da publicação de “Os obstáculos à abertura da mídia”, em comparação com a década anterior a 2005, como mostram os dados do Comitê para a Proteção dos Jornalistas (CPJ). Assédio, intimidação e ameaças também estavam em alta segundo várias organizações de direitos humanos. As origens da violência contra a imprensa na América Latina parecem estar presentes de modo desproporcional na cobertura assertiva, em escala local, de assuntos como crime, corrupção e, principalmente, na combinação de ambos (HUGHES et al., 2017; DUNHAM, 2017, FLIP, 2011).

A situação é menos evidente em relação aos outros obstáculos. Muitos países eliminaram leis federais de calúnia e difamação e aprovaram novas leis de acesso à informação. O problema é que leis regionais e códigos militares seguem repletos de cláusulas que criminalizam o jornalismo e o cumprimento às leis de acesso à informação ainda é arbitrário em vários lugares. Como Kanashiro e Yap assinalam neste volume, os padrões profissionais dos jornalistas permanecem desiguais e muitos precisam de autorregulação, embora pesquisas tenham mostrado que, no âmbito discursivo, os jornalistas latino-americanos expressam forte apoio a normas democráticas (HANITZSCH *et al.*, 2019). A representação de grupos marginalizados na sociedade também continua problemática nos principais meios de comunicação, como ocorreu nas faixas de fronteira entre o México e os Estados Unidos em período que antecede as tensões e polarizações atuais. Em artigo neste dossiê, González de Bustamante capta de forma brilhante as geografias morais que permeiam as representações midiáticas das fronteiras. Em todos os países, porém, existem novas empresas de mídia que contornam as restrições políticas e econômicas da imprensa tradicional e estão estabelecendo novos padrões de representação e de jornalismo investigativo. Isso está ocorrendo hoje em Cuba, onde o acesso à internet permanece comparativamente muito baixo em relação a outros países da região, mas onde surgiu um sistema criativo de distribuição clandestina para suprir as demandas não atendidas dos cubanos por entretenimento e informação gerados fora do ambiente estatal (Llanes e Oller Alonso, neste número).

O acesso limitado do público a notícias e informações diversificadas, assim como a propriedade oligárquica de mídia, foram interrompidos (mas não eliminados) por projetos concebidos por jornalistas que usam as novas tecnologias para reduzir

custos e aumentar o acesso à informação. Na maioria dos países da região existem meios de comunicação sem fins lucrativos que conduzem projetos de reportagem investigativa que transformaram tanto o modelo de financiamento do jornalismo investigativo como estão produzindo alguns dos relatos mais impactantes em décadas ao atuarem como “cães de guarda” das instituições. Novas agências de notícias “sem fins lucrativos”, como *Ojo Público* (Peru), Praça Pública (Guatemala) e o Centro de Jornalismo Investigativo de Porto Rico, renovaram o modelo de financiamento e as práticas de circulação do jornalismo investigativo. Seus relatórios deram início a processos anticorrupção e de prestação de contas nas Américas. Ao mesmo tempo, colaborações transnacionais, também sem fins lucrativos, surgiram em vários planos para rastrear as origens e os fluxos transnacionais do crime organizado e da corrupção, sendo o mais famoso o Projeto Relatório sobre o Crime Organizado e a Corrupção, que se transformou nas séries *The Panama Papers* e *The Paradise Papers*. A concentração geográfica dos meios, porém, é um problema cada vez mais visível, embora não seja recente. Esses projetos, mais a diversidade e o acesso à cobertura de mídia que startups de jornalismo on-line regionais estão dando para sistemas midiáticos, não chegaram ainda a extensas faixas semi-rurais e menos desenvolvidas. Nesses territórios podemos falar da existência de “desertos de notícias” (ABERNATHY, 2018) ou de “zonas de silêncio” locais (MOREIRA & DEL BIANCO, 2019).

Por outro lado, a diversificação de propriedade estatal de mídia sem invadir a autonomia jornalística varia. O maior sucesso ocorreu no Uruguai, mas legislação semelhante, diversificando o espectro de rádio e televisão, foi revertida na Argentina com a mudança de governo. Os sistemas midiáticos da Venezuela, do Equador e da Bolívia refletem a polarização política nesses países, com a mídia estatal à esquerda e a mídia privada (ou o que resta dela, no caso da Venezuela) à direita.

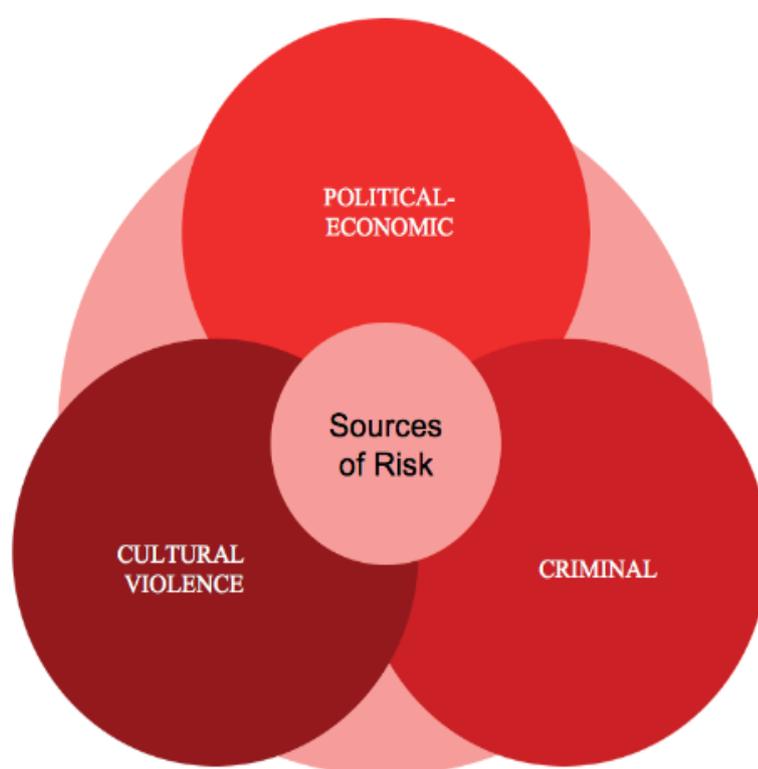
Riscos à autonomia e ao jornalismo pró público

Embora a maioria dos obstáculos ao desenvolvimento democrático dos sistemas midiáticos latino-americanos presentes em 2005 permaneça até hoje, ainda que com variações maiores ou menores, é possível identificar vários riscos para a autonomia profissional conquistada pelos jornalistas na América Latina. Além disso, é preciso acrescentar outra dimensão à nossa análise: o bem-estar dos jornalistas como seres humanos com direitos fundamentais. Ao tratar do risco na profissão, pesquisas contemporâneas de ONGs e da academia enfatizam os ataques letais contra jornalistas e as prováveis fontes desses ataques, tanto políticas quanto criminosas. Embora compreensível e necessário, o foco na violência física omite

uma série de outros riscos e como os jornalistas reagem a eles (ver AMADO et al., 2019). Em diferentes graus os jornalistas também são alvos de políticos populistas nas Américas, que os deslegitimam pessoalmente e, de modo geral, suas notícias apuradas e fundamentadas nos fatos. O assédio político-partidário corresponde a uma cultura política que define os jornalistas como uma oposição que deve ser demonizada. Outro risco de origem cultural é o aumento do discurso de ódio contra os jornalistas; o assédio online a jornalistas em toda a região, que geralmente mapeia tanto a misoginia e o outro no caso de jornalistas de minorias étnicas e religiosas, como o fanatismo político e a segmentação populista. No campo do risco econômico, a incapacidade das organizações tradicionais de mídia de aproveitar e prosperar na nova economia digital aumentou a pressão econômica sobre o jornalismo. Os riscos financeiros para jornalistas e o jornalismo se manifestam de várias maneiras, desde o enxugamento do setor (demissões e fechamento de organizações jornalísticas) até a informalidade do trabalho e a precariedade econômica dos jornalistas (salário baixo e desigual para freelancers, emprego sem benefícios em longo prazo, reduções salariais e demissões).

Os múltiplos riscos enfrentados pelos jornalistas contemporâneos e o estresse que esses riscos produzem têm origem na política e na atividade criminosa que às vezes envolvem atores do Estado e forças de segurança e sistemas culturais opressivos (ver Figura 1).

Figura 1: Tipologia das Fontes de Risco para o Jornalismo Contemporâneo



Resistência e renovação?

Trabalhar em uma ocupação de alto nível de risco e de estresse pode resultar em impactos físicos, emocionais, psicológicos pessoais aos jornalistas e reduzir o seu desempenho profissional de forma que desgastam as funções democráticas do jornalismo para a sociedade. Mas resistência, renovação e resiliência também podem estar presentes. Se for avaliado apenas pelo número de empregos gerados pelos balanços financeiros, o jornalismo está sendo desconsiderado como instituição essencial para a democracia em toda a região. Dados como esses levaram alguns observadores a anunciar que o jornalismo está “em crise” e até mesmo a prever a “morte” do jornalismo. Essa visão, porém, é insuficiente. Indicações de resistência institucional, de renovação e de resiliência são visíveis tanto na imprensa quanto à sua margem. Jornalistas e organizações de mídia às vezes se afastam de normas e práticas democráticas diante de riscos graves à sua integridade, mas outras vezes resistem a ingerências nas suas atividades profissionais e procuram renovar práticas e estruturas que mantêm ou melhorar a sua missão pública em novas circunstâncias.

Exemplos de resistência e renovação jornalística são bem conhecidos nos círculos jornalísticos e, algumas vezes, documentados em trabalhos acadêmicos recentes, mas nunca foram estudados de maneira abrangente e sistemática. Grupos de autoproteção e apoio, como a Red de Periodistas de Juárez, formada por mulheres jornalistas, surgiram no México diante da terrível violência contra a imprensa e a quase total impunidade dos agressores (DE LEÓN VÁZQUEZ, 2018). Organizações de direitos humanos e associações de jornalistas em todo o hemisfério, bem como organizações governamentais internacionais, promoveram o tema ‘segurança dos jornalistas’ nas agendas nacionais e internacionais (RELLY & GONZÁLEZ DE BUSTAMANTE, 2017). Como mencionado anteriormente, as agências de notícias “sem fins lucrativos” estão estabelecendo um novo padrão para a função de cão de guarda (Watchdog) do jornalismo, com base em novo modelo financeiro para o trabalho jornalístico. A colaboração na produção de reportagens investigativas, em vez de competição, está se tornando mais frequente. Em resumo, os jornalistas estão buscando maneiras de renovar os alicerces do jornalismo democrático diante dos riscos múltiplos e muitas vezes graves que enfrentam, ao mesmo tempo em que tentam lidar com níveis sem precedentes de estresse associado a esses riscos.

Nesta edição especial, autores de oito países documentam aspectos distintos do contexto atual de risco, resiliência e superação no jornalismo latino-americano.

Adriana Amado, da Argentina, analisa as metáforas universais associadas ao jornalismo e marcas de mídia conhecidas para refletir se essas metáforas, que foram

universalizadas em um período diferente, irão descrever os papéis do jornalismo à medida que este se transforma. Celeste González de Bustamante, da Universidade do Arizona, apresenta a estrutura conceitual da geografia moral para analisar o relato de noticiários de TV locais sobre imigrantes sem documentos e imigração durante as décadas de 1970 e 1980 na seção Arizona-Sonora das fronteiras entre os Estados Unidos e o México, utilizando a pesquisa documental e a análise qualitativa de conteúdo como metodologias. José Raúl Concepción Llanes e Martín Oller Alonso discutem como a entrada das novas tecnologias de mídia em Cuba nas últimas duas décadas, em grande parte na ausência de regulamentação estatal, abriu lentamente alternativas ao sistema estatal. O artigo analisa essas mudanças e discute o que elas significam para o consumo de material de informação e entretenimento em Cuba, concentrando-se no desenvolvimento do mercado de consumo cultural alternativo na ilha. Depois de descrever o desenvolvimento do novo mercado de mídia nas duas últimas décadas, eles se concentram no programa Pacote Semanal (Pacote Semanal) e suas implicações para a manutenção dos fundamentos ideológicos socialistas do governo cubano e o status do *modus operandi* das comunicações no país.

O estado atual do jornalismo e da indústria da mídia em diferentes países são apresentados e discutidos em três artigos. No primeiro deles, Mariana De Maio e Gustavo Torres González argumentam que o sistema de mídia e o jornalismo paraguaios mostram vários traços que correspondem aos dos seus vizinhos, incluindo paralelismo político, censura, concentração de propriedade, violência contra jornalistas e a interrupção abrupta de organizações mantidas pelo Estado que tinham como objeto o pluralismo da mídia. Essas semelhanças fazem parte da relação histórica entre mídia e Estado no Paraguai, um pequeno país sem acesso ao litoral, cercado de vizinhos maiores, que até hoje recebeu pouca atenção de estudiosos da mídia. O artigo pretende contribuir para preencher essa ausência ao descrever a história e a situação contemporânea do jornalismo no Paraguai para um público internacional. O segundo artigo, de autoria de David Blanco-Herrero e Carlos Arcila Calderón, mostra como a crise social, política e econômica que afeta a população venezuelana também é visível no campo da comunicação, que sofre de três problemas principais: a crise econômica que dificulta a sobrevivência da mídia e impede o desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação (TICs); a polarização sociopolítica, que leva a maioria da mídia a assumir uma posição ideológica a favor ou contra o governo, diminuindo assim a sua credibilidade; a censura e o controle estatal, que impede a existência de uma mídia livre e independente, que muitas vezes leva à autocensura. Os autores também destacam a proliferação da mídia digital como um meio de escapar

da censura e do controle estatal na Venezuela. O terceiro artigo desse conjunto vem da Colômbia, de autoria de Jesús Arroyave e Miguel Garcés. Com base nos resultados locais da segunda fase do *The Worlds of Journalism Study* (2012–2016), eles apresentam sua análise do jornalismo colombiano contemporâneo, revelando que ele possui um forte componente partidário, intimamente ligado às elites políticas e econômicas do país. Entre os papéis enfatizados pelos jornalistas colombianos no desempenho da sua atividade os autores listam as reportagens objetivas, a promoção da tolerância e a contribuição para a mudança social. Eles argumentam que essa incongruência pode ser explicada pela significativa influência organizacional percebida pelos jornalistas na forma de pressão de editores, de políticas editoriais e dos proprietários de mídia.

Outros três artigos completam esta edição especial. Lilian Kanashiro e Lucía Yap, do Peru, abordam a cobertura jornalística de notícias relacionadas ao feminicídio sob uma perspectiva sócio semiótica, em especial a enunciação jornalística. Elas argumentam que, embora exista uma onda de interesse e preocupação com a violência de gênero, incluindo as várias formas de violência contra as mulheres, pouca pesquisa foi produzida sobre as várias formas de representação desses eventos pelos jornalistas. Os resultados a que chegaram indicam que a cobertura não representa com precisão as estatísticas oficiais do feminicídio, uma vez que há mais cobertura do feminicídio íntimo e, em menor grau, do feminicídio não íntimo. Já o artigo de Matías Ponce, do Uruguai, analisa a presença de presidentes e ex-presidentes no Twitter. Ele argumenta que o uso do Twitter pelos presidentes contradiz as teorias que apontam para as redes sociais como um espaço que melhora a interação entre cidadãos e atores políticos. A metodologia é baseada em uma análise quantitativa do uso das redes sociais por 17 Presidentes e ex-Presidentes em 2017. A pesquisa foi realizada dez anos depois da definição de Karpf (2009) para a “política 2.0”, que apresentava uma visão otimista sobre a participação dos atores políticos nas redes sociais. Finalmente, o artigo de Alberto Cairo deduz que a maioria das pessoas que cria gráficos ou mapas regularmente para apresentações, artigos, documentos e similares não compreende os elementos básicos da visualização de dados, como a codificação, ainda que exista agora uma profissionalização crescente do uso de novas tecnologias de design.

Apesar da proximidade linguística entre os idiomas espanhol e português, ainda há uma distância a ser superada e que permita a circulação do trabalho acadêmico sobre jornalismo e mídia nas Américas. Na maioria das universidades brasileiras, a internacionalização da produção científica é demanda crescente, com a adoção de políticas institucionais que estimulam alianças e colaborações. Nesse contexto, o propósito desta edição especial da Lumina é dar visibilidade às conexões estabelecidas

entre pesquisadores da América Latina e pesquisadores especialistas em América Latina que integram a equipe regional constituída para trabalhar questões e temas específicos direcionados para estudos regionais e para inclusão de pontos relevantes no questionário da terceira etapa da pesquisa comparada internacional *The Worlds of Journalism Study* (2020-2022).

Referências

- ABERNATHY, Penelope M. *The Expanding News Deserts*. Chapel Hill, The University of North Caroline Press, 2018. Retrieved from <https://www.usnewsdeserts.com/reports/expanding-news-desert/>
- AMADO, A.; ARROYAVE, J.; ARCILA, C.; ÁVILA, E.; BRAMBILA, J.; BARNES, G.; CASANOVA, F.; CAIRO, A.; CRUZ, J.; DA SILVA, F.; DE MAIO, M.; DEL PALACIO, C.; ECHEVERRÍA, M.; FERNANDES, J.; FERNÁNDEZ, Ortega de Bárcenas H.; GONZÁLEZ, R.; GONZÁLEZ DE BUSTAMANTE, C.; GUTIÉRREZ, A.; HARLOW, S.; HUGHES, S.; ISSUE, L.; KANASHIRO, L.; LOZANO, J. C.; MÁRQUEZ-RAMÍREZ, M.; MOREIRA, S.; OLIVERA, D.; OLLER, M.; PONCE, M.; PORATH, W.; RAMAPRASAD, J.; RETIS, J.; REYNA, V. H.; RODELO, F.; RODRÍGUEZ, Blanco S.; RUBIN, A.; SALAZAR, G.; SUBERVI, F.; HANITZSCH, T.; QUINTANILLA, V. *Report of the Latin American and Caribbean Network for the Worlds of Journalism Study Round III (2020-2022)*, OLLER, M. & HUGHES S. (Eds.). Miami, FL, July 2019. Retrieved from <https://www.researchgate.net/project/Worlds-of-Journalism>.
- AMERICAN Psychological Association., Undated. *The Road to Resilience*. Retrieved from <https://www.apa.org/helpcenter/road-resilience>
- DE LEÓN VÁZQUEZ, S. Profesionalización autogestiva de los periodistas mexicanos organizados. *Global Media Journal*, v.15, n. 28, p. 78-99, 2018.
- DUNHAM, J. *Press Freedom's Dark Horizon*. New York, NY: Freedom House, 2017.
- FLIP. *Informe sobre el estado de la libertad de prensa en Colombia: ¿La censura en las regions llegó para quedarse?* Bogotá: Fundación para la Libertad de Prensa, 2011.
- HANITZSCH, T., HANUSCH, F., RAMAPRASAD, J., & DE BEER, A. S. (Eds.). *Worlds of Journalism: Journalistic cultures around the globe*. Columbia University Press, 2019.
- HUGHES, Sallie; LAWSON, Chappell. The Barriers to Media Opening in Latin America. *Political Communication*, v.22, n.1, p. 9-25, 2005.
- HUGHES, S., MELLADO, C., ARROYAVE, J., BENITEZ, J.L., DE BEER, A., GARCÉS, M., LANG, K.; MÁRQUEZ-RAMÍREZ, M. “Expanding influences research to insecure democracies: How violence, public insecurity, economic inequality and uneven democratic performance shape journalists’ perceived work environments.” *Journalism Studies*, v. 18.n. 5, p. 645-665, 2017.
- MOREIRA, S. V.; DEL BIANCO, N. R. “Comunicações, Território e Desenvolvimento Regional em Municípios Brasileiros com IDHM Muito Baixo.” *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, v. 15, n. 4, p. 69-82, 2019.

RELLY, J. E., & GONZÁLEZ DE BUSTAMANTE, C. Global and domestic networks advancing prospects for institutional and social change: the collective action response to violence against journalists. *Journalism & Communication Monographs*, v.19, n. 2, p. 84-152, 2017.

SEGURA, M. S., & WAISBORD, S. *Media Movements: civil society and media policy reform in Latin America*. London, Zed Books, 2016.

SJØVAAG, H. Journalistic autonomy. *Nordicom Review*, v.34, pp. 155-166, 2013.

WJS (Worlds of Journalism). Unpublished document. 2019.

Expediente

Editores Científicos

Gabriela Borges
Potiguara Mendes

Editora Associada

Daiana Sigiliano

Assistentes Editoriais

Carla Procópio
Gustavo Pereira
Ramsés Albertoni

Revisão

Sonia Virgínia Moreira
Sallie Hughes
Ramsés Albertoni
Gustavo Pereira

Revisão Geral

Gabriela Borges
Daiana Sigiliano

Diagramação

Gustavo Pereira

Revisão Diagramação

Vinícius Guida
Daiana Sigiliano

Capa

Raphael Vieira Pires
Carlos Eduardo Nunes

Projeto Gráfico

Carlos Eduardo Nunes